

**“RUA DO OUVIDOR” VERSUS “CAATINGAS”:
Comunicação e Guerra em *Os Sertões* e em *A Guerra do
Fim do Mundo***

Lidiane Santos de Lima
Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS – Universidade Estadual
de Feira de Santana.

Resumo

Comemorando em 2002 o centenário de sua publicação, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ainda hoje tem levantado polêmicas e discussões em diversas linhas de estudo. Através de uma análise estrutural e textual desta obra, revelamos seu caráter na constituição de uma história da comunicação e na formação de uma opinião pública nacional, bem como sua função enquanto obra fundadora do ciclo canudiano. Realizamos uma análise comparativa entre *Os Sertões* e *A Guerra do Fim do Mundo*, enfocando processos de inter e transtextualidade, e verificando as expressões de teorias da comunicação configuradas nessas obras. Por fim, sugerimos um novo esquema sobre a formação da opinião pública matriz a nível nacional, e compreendemos a importância da preservação de uma memória histórica e cultural do país, através da manutenção (pela mídia escrita e literatura) de relevantes fatos históricos regionais, como a guerra de Canudos.

Palavras-chave: Canudos, Comunicação, Opinião Pública

Abstract

Celebrating in 2002 the centennial of its publication, “Os Sertões”, by Euclides da Cunha, it has until today raised controversies and discussions in various trends of study. Through out a structural and textual analysis of this work (“Os Sertões”), its character is revealed in the formation of history of the communication and a national public opinion, as well as its function as a founding work of the Canudos’s cycle. We carried out a comparative analysis between “Os Sertões” e “A Guerra do Fim do Mundo”, focusing on inter and trans textuality processes, and checking the communication theories’ expressions arranged in these works.

Finally, we suggest a new plan on the national matrix of the public opinion formation, and we acknowledge the importance of preservation of the country's historical and cultural memory done by the written media and literature through the maintenance of important regional historical facts, such as Canudos's war.

Key Words: Canudos, Communication, Public opinion.

pt
C
au
so
su
in
de
in
lit
cu
in
la
bi
m
ou
co
de
de
pe
qu
in
de
ac
se
an
fig
gu
—
C
A
e
It
sai
pre

ind
ory
cal

Em dezembro de 1902, quando o Brasil comemorava seu 13º ano de República, foi publicada a primeira edição da obra de maior relevo de Euclides da Cunha: *Os Sertões*. Com um estilo exuberante, de feições barrocas, e um olhar de propensão naturalista, o autor foi marcado pelas teses de seu tempo, dentre as quais a crença na ciência como solucionadora dos problemas da humanidade. Ao longo do século XX, Euclides foi sucedido por romancistas que, a partir do seu legado, geraram uma nova imagem da inteligência brasileira, principalmente a partir da Semana de Arte Moderna, a exemplo de José Américo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e outros. No plano internacional, destaca-se a obra de Vargas Llosa, *A Guerra do Fim do Mundo*, como literatura exemplar do ciclo temático canudiano¹.

Os Sertões é considerado por muitos estudiosos “o livro mais importante de nossa cultura”, como diz Carlos Heitor Cony (*A Tarde*, 27-07-2001). Os cem anos desta importante obra já começaram a ser celebrados através de exposições, conferências e lançamentos de livros que vêm se somar aos mais de quatro mil títulos – maior bibliografia da nossa literatura.

Euclides da Cunha produziu textos e imagens de vários “brasis” (por exemplo, na metáfora da “Rua do Ouvidor *versus* Caatingas”²) ao seu grande Brasil. A *Rua do ouvidor* era a nação, ou a opinião pública nacional que, alimentada pelos meios de comunicação e ávida por informações sobre os acontecimentos da guerra, exigia um *desenlace* para que a República saísse vitoriosa. E *as caatingas* eram a representação do irmão sertanejo, distante e até então desconhecido, que vivia numa região árida, pobre, retrógrada e pouco desejada. A *Rua do Ouvidor* foi jogada contra as *caatingas*, quando na verdade as duas deviam se integrar e formar um só país.

Dentre os vários discursos que Euclides empreendeu sobre a constituição desse imenso Brasil, sobressai o discurso sobre a manipulação da opinião pública pelos meios de comunicação de massa, que pode ser estabelecida em tempo de guerra, como aconteceu durante a guerra de Canudos, segundo o autor.

Entre as obras da nossa contemporaneidade, do ciclo temático canudiano, encontra-se *A Guerra do Fim do Mundo*, romance do peruano Mario Vargas Llosa, escrito oitenta anos após a publicação de *Os Sertões*. Fortemente seduzido pela obra euclidiana, e pela figura do seu autor, Vargas Llosa faz conhecida no restante do mundo a história da guerra fratricida ocorrida há um século no interior da Bahia.

¹ Ciclo de obras literárias cujo tema principal é a história de Canudos.

² A Rua do Ouvidor era a rua mais importante do Rio de Janeiro, onde estava localizada a maioria dos jornais cariocas, e lugar para o qual se dirigia grande parcela da população à busca de notícias. Quando da guerra de Canudos, de lá saíam as principais versões, que se tornavam verdadeiras nas páginas de algum jornal. Esta metáfora euclidiana está presente em “A Luta”, III parte de *Os Sertões*.

Após estudar aquela guerra, Vargas Llosa percebeu que a história de Canudos espelhava elementos repetidos na América Latina dos séculos XVIII e XIX (a total falta de comunicação entre duas partes da sociedade que se matam ao invés de se integrar), e decidiu escrever um romance sobre o tema. O primeiro livro que leu sobre Canudos foi *Os Sertões*, única obra a ser considerada fonte indiscutida e fidedigna do autor peruano: “O fato é que *A Guerra do Fim do Mundo* é uma consequência direta d’ *Os Sertões* e não poderia existir sem a obra do escritor brasileiro” (Campbell, 2000, p. 32).

As personagens fictícias do romance de Vargas Llosa relacionam-se tão harmoniosamente com as históricas, que formam um misto de crônica e história, numa construção inovadora e diferente, permitindo uma nova leitura sobre a guerra considerada por este autor um “mal-entendido-nacional”.

O ciclo temático canudiano

A leitura de um ciclo canudiano, surgido a partir de *Os Sertões*, nos coloca diante de uma temática que, abrangendo a guerra, expõe quadros de miséria e dor do povo sertanejo, esquecido no semi-árido nordestino, mas sobretudo revela as formas de visibilidade e dizibilidade das tensões entre vários *brasis* que se enfrentam. As modalidades discursivas que configuram os duelos regionais, litorâneos versus sertanejos, e sociopolíticos, dominantes e dominados, são necessárias à compreensão da busca por uma identidade nacional, livre de estereótipos e de uma percepção redutora que determina a superioridade de uns em relação à inferioridade dos outros. A escrita canudiana se torna apta a guiar a discussão sobre a unidade nacional que aceita as diferenças e alteridades em suas contradições principais.

Pensando a noção de Intertextualidade³, na qual se constata que nenhum texto é fruto de uma construção individual, mas é resultante de um processo de informações e leituras anteriores, pode-se observar um conjunto aberto (não finito) de obras escritas após *Os Sertões*, que estão diretamente mergulhadas nesta, quer como veículo de inspiração, quer como fundamentação teórica ou fonte histórica. Neste contexto ainda, pode-se aplicar o conceito de “fundação⁴”, segundo o qual a obra euclidiana seria o texto fundador (texto de referência)

³ Um texto literário remete a outros textos semelhantes através de um “mosaico de citações”, o que constitui o processo de intertextualidade. De acordo com Souza (1997, p. 14-32), para avaliar esse fenômeno de diálogo e interação entre textos, cumpre notar, além das semelhanças entre o texto de base e o texto evocado, também as diferenças resultantes da reelaboração. O leitor reconhece o texto citado ou evocado graças a sua competência enciclopédica.

que exprime certa leitura de outros textos, e que faz parte das condições de produção de um conjunto de discursos posteriores. Este conjunto de obras literárias diretamente ligadas a *Os Sertões* – marco da produção literária nacional, tropical e naturalista – e que possui Canudos como tema principal, forma um ciclo temático canudiano, cujos autores diversos, com linguagem histórica ou mesmo ficcional, contribuíram enormemente para o conhecimento dessa parte dolorosa da História brasileira.

Os Sertões é uma fundação datada, concebida como um acontecimento. Em seu texto “Fundações”, Verón (1980) assinala que as questões decisivas são sempre as seguintes: por que a consciência histórica reporta-se a este ou àquele texto e não a outros? Os textos a que se reporta o reconhecimento têm propriedades particulares? Do lado das condições objetivas históricas, extradiscursivas, a guerra, e as condições de produção, circulação e reconhecimento dos discursos jornalísticos, criam bases transtextuais⁵ suficientemente ativas para tornar o texto euclidiano uma fundação, enquanto produto de uma prática significativa que se desenvolve na História.

Concentramos nossos estudos sobre as relações entre a obra euclidiana e um romances da nossa contemporaneidade, *A Guerra do Fim do Mundo*, que materializa procedimentos narrativos complexos, põe à luz a força das tensões entre os cenários narrativos, e atualiza as teorias da comunicação e da formação de uma opinião pública nacional. Mario Vargas Llosa possui o mérito de retomar a narrativa euclidiana, metaforizando-a como drama atual da América Latina. A exemplo da obra vargallosiana, os romances de 80 e 90 configuram-se como livros sobre textos, narrativas reelaborando pré-textos e pós-textos, inscrevendo-se assim no panorama pós-moderno.

As transformações tecnológicas, juntamente com o desenvolvimento das redes de comunicação, sempre *funcionaram como suportes para as lógicas de guerra*. As novas tecnologias da informação, geradas e empregadas para fins estratégicos, facilitam a mistificação, a expropriação e a exploração da opinião pública matriz, o que, posteriormente, pode criar uma crise de opinião, provocando a perda da credibilidade nas instituições políticas. O livro de Euclides da Cunha evidencia os conflitos de opinião após a

⁴Segundo Verón (1980, p. 122), “Uma fundação não é senão um sistema de diferenças entre dois sistemas de relações, relações que os discursos contraem com as condições que os sustentam e explicam enquanto produtos de uma prática significativa que se desenrola na História”. Ou seja, o texto fundador é aquele que, tendo também um “conjunto historicamente anterior de outros discursos” que fazem parte das suas condições de produção, é reconhecido por “um conjunto de discursos historicamente posteriores”, fazendo parte das condições de produção deste conjunto.

⁵ Transtextualidade: diferentes formas de representação, em matérias significantes diferenciadas (literária, cinematográfica, televisiva, etc.). A noção de transtextualidade indica a transformação de um texto primeiro em um texto segundo, pertencente a um gênero diferenciado. Para uma percepção mais elaborada dos cenários transtextuais, consultar Souza (1997).

guerra, bem como o esforço, principalmente da imprensa, em formar ou manipular a opinião pública nos diferentes momentos da campanha. Igualmente, Mario Vargas Llosa ratifica estas denúncias e expõe muito claramente o jogo político que envolvia a guerra e criava imagens negativas de Canudos, por interesses particulares.

Questões como identidade nacional, opinião pública, visibilidade e dizibilidade dos sertões, dentre outros, estão presentes nas obras que compõem o ciclo temático canadiano, confirmando a importância e a aplicabilidade da obra de Euclides no desenvolvimento do tema Canudos, das Ciências Humanas e de uma Teoria da Comunicação fñcada em bases nacionais. Fazendo um estudo comparativo entre a obra fundadora do ciclo e uma obra contemporânea, pela semiótica narrativa, na análise das tensões entre os códigos das ações e da narração, no tratamento do tempo, do espaço e dos pontos de vista, observam-se necessariamente alguns importantes deslocamentos discursivos na configuração dos fatos históricos e culturais:

“O espaço geográfico (dimensional) transforma-se também em espaço histórico (não-dimensional). Em outras palavras, o espaço físico de presença determinante já aparece como território cultural, refletindo o feixe de inter-relações históricas e metalingüísticas que autorizam a formação de uma prática comunicativa nacional. Se a paisagem física dimensionava as especificidades das comunidades sertanejas, habituadas a reagir à natureza inóspita, a configuração das caatingas, tornadas espaço histórico, se apresenta como paradigma identitário, surge como ambiente síntese das contradições de conquista da terra brasileira” (Lima et al., 2001, p. 210).

Os Sertões: uma obra de fundação

Os Sertões vai ser considerado não apenas um livro “vingador”, mas um marco, o início da procura pelo “verdadeiro” país, pelo seu povo, a interação entre ambiente físico e ambiente social, que nos permite perceber “a influência do ambiente sobre o nosso caráter e a nossa raça em formação. (...) *Os Sertões* é sem dúvida, um marco, no sentido em que esboça os elementos em que vai ser pensado o problema da nossa identidade nacional” (Albuquerque Jr, 1999, p. 53).

A dicotomia estabelecida por Euclides entre “paulistas” X “sertanejos” ou “litoral” X “sertão”, presente em *Os Sertões*, formula o discurso sobre nossa nacionalidade, cujo sertanejo – “rocha viva”, essência do verdadeiro brasileiro – na realidade seria um paulista que se isolou no sertão nordestino, em consequência do nomadismo das bandeiras. Assim,

ess
exp
nac
det
pu
nac
do

Fin
An
sig
cor
as r
ent
fun
ant
Co
ins
can

ext
det
for
out
prij
Exj
cor
mil

util
poc

Se
1994
regis
Tit
189

esse livro perpetuou o tema da guerra e das injustiças no campo e consolidou as formas de expressão dos temas nacionais; consolidou, da mesma forma, as bases de uma comunicação nacional ancorada em referenciais locais, e uma formação de opinião pública, ancorada nos determinantes também nacionais. O sertão aparece como o lugar onde a nacionalidade está pura e livre das influências estrangeiras e vai dar a matéria para que se trate de problemas nacionais. Deixa de ser um espaço físico para ser espaço não-dimensional, histórico, a partir do qual vão ser discutidos os temas da essência do País.

Os Sertões se põe como obra de fundação e dá origem a um ciclo, no qual *A Guerra do Fim do Mundo* está inserido apesar do seu distanciamento temporal, histórico e cultural. Analisar os entrelaçamentos entre obras literárias deste ciclo, cujo tema é a guerra de Canudos, significa primeiramente verificar a persistência da obra de Euclides da Cunha na cultura da contemporaneidade. Em uma perspectiva necessariamente diacrônica, trata-se de perseguir as relações estruturais entre os fatos ficcionados e os fatos históricos, e as relações transtextuais entre o fenômeno literário e a atividade jornalística. Nesta perspectiva, o texto de Euclides *funciona* como o primeiro acesso a um fato histórico, a guerra de Canudos⁶. Mas, se define antes como um texto de fundação, e não apenas a denotação de um acontecimento singular. Configura-se, sobretudo, como um texto de referência suscetível de gerar novos textos, de inscrever seus vestígios na composição de novas produções, de criar séries culturais de tema canudiano.

Euclides comandou uma dinâmica dialética entre o contexto narrativo e o contexto extratextual em seus vetores político e filosófico e, mesmo valendo-se das teorias deterministas e evolucionistas da época, conseguiu incrementar a força dialógica entre forma artística e realidade representada, não permitindo que nenhuma voz sufocasse a outra. Alguns autores já discorreram sobre a reviravolta euclidiana em *Os Sertões*, principalmente em relação a suas crenças e idéias manifestadas em *Diário de uma Expedição* (Cunha, 1897). O autor de “Nossa Vendéia”⁷ iria desde então indagar suas concepções políticas originárias com seu republicanismo idealizado, criticar os planos militares e o comportamento desordenado e latino dos soldados nacionais.

Abordando *Os Sertões* e *A Guerra do Fim do Mundo* pela Semiótica Narrativa e utilizando os conceitos do “espaço” narrativo, fica claro que estamos lidando com textos, que podem ser literários ou não, pois a Teoria da Literatura é um monumento teórico pronto a

⁶ Segundo Ângela Gutierrez, em Notícia sobre cem anos de ficção canudiana, *Revista Canudos*, v. 1, n. 1, p. 9-21, 1996, embora *Os Sertões* não seja o primeiro texto literário a tratar do fato, ele constitui um texto germinador da ficção regionalista importante e, em particular, de tema canudiano.

⁷ Título do primeiro artigo de Euclides da Cunha sobre Canudos, enviado para o jornal *O Estado de São Paulo* em 1897, no qual o sertanejo é visto com inimigo da República e o exército como seu salvador.

abarcam espécies diferenciadas de representações. Nesse sentido, buscamos a noção de “fundação” para mostrar que a obra euclidiana tornou-se um texto de referência, por relacionar-se e fazer parte das condições de produção de um conjunto de discursos posteriores que se remetem, dialogam e interagem com ela, o que constitui o processo de intertextualidade. Segundo Verón, “o aparecimento de uma prática de produção de conhecimentos relativos num determinado campo do real, enquanto fenômeno histórico, não tem a unidade de um acontecimento (...), não tem a unidade de um ato (...), não tem a unidade de um lugar ou de um espaço” (1980, p. 116).

Euclides confrontou diferentes pontos de vista no momento histórico: criticou o exército e a República, discutiu o heroísmo sertanejo e denunciou o esforço da imprensa em forjar uma opinião pública que justificasse a guerra. Nesse âmbito, estudiosos da comunicação social podem trabalhar com teorias significativas da análise textual, em particular com a semiótica narrativa, com a lógica das ações e dos pontos-de-vista, suscetíveis de guiar tanto a análise de textos denotativos (científicos, históricos, jornalísticos) como a de textos de forte teor conotativo, como também a dos enlaçamentos desses diferentes tipos de textos.

No nível do código da narração, ainda segundo Barthes, distinções sobre as posições dos narradores são de grande importância para a análise do ângulo de visão através do qual as ações vão sendo conduzidas. Tanto na obra euclidiana quanto na de Mario Vargas Llosa, é utilizado o ponto-de-vista onisciente com focalização neutral, tornando a narrativa uma sucessão lógica de ações. Por outro lado, em alguns momentos, Euclides utiliza a focalização interventiva, através da qual interfere com opiniões próprias ou comentários.

Formação de uma opinião pública nacional

O jornalismo brasileiro, como em outras partes do mundo ocidental, desenvolveu-se ao lado da literatura. Essa experiência pode ser observada desde o século XIX, através do romance-folhetim no *jornalismo industrial*, passando pela década de 50, com o surgimento dos *suplementos literários*, até os dias de hoje, com os *Cadernos 2*. Muitos dos escritores que marcaram a história mundial e nacional eram antes de tudo jornalistas, como Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Lima Barreto e Euclides da Cunha. Mas este último ainda ocasionou um confronto de gêneros no momento em que a representação sobre a guerra de Canudos pôde sair das páginas dos jornais para as páginas literárias, iniciando-se um processo onde a comunicação estava construindo a história. Os acontecimentos agendados pelos veículos de comunicação certamente farão parte da história, mas é através da expressão

artística e literária que eles obtêm uma visibilidade mais consistente, principalmente pela diferença do seu processo de produção e recepção, menos fugaz que o da comunicação.

Euclides da Cunha afirma que não elegeu nenhum protagonista em *Os Sertões*. Mas repudiou a forma como a opinião pública matriz estava sendo construída, a partir de interesses privados. Para ele, os grandes vilões da estória foram aqueles que fizeram o acontecimento, nos emergentes meios de comunicação. Os maiores jornais do país enviaram à guerra de Canudos correspondentes, para que estes lhes informassem todos os acontecimentos, de acordo com os interesses de cada grupo envolvido. Este fato é registrado nas obras contemporâneas do ciclo temático canudiano, cujos personagens comunicadores estão sempre presentes. São os *personagens escritores*, ou *homens-palavra*⁸, geralmente jornalistas correspondentes dos jornais da época, que buscavam noticiar, documentar os fatos da Guerra e propagá-los. O medo tácito em encontrar palavras para não ofender a República, nem o Exército, que os faziam oscilar entre as opiniões preconcebidas e a realidade crua que estavam presenciando, propiciou uma manipulação dos dados.

Euclides da Cunha, enviado especial de *O Estado de São Paulo*, foi também um *homem-palavra*, narrador, mas personagem do seu próprio livro, uma vez que as críticas aos meios de comunicação, e àqueles responsáveis por forjar uma opinião pública matriz, lhe cabiam perfeitamente, principalmente por seus artigos anteriores à ida a Canudos.

Nas obras do ciclo canudiano, os *homens-palavra* deram forma ao cotidiano e à cultura dos sertões, aos embates fratricidas e às lutas políticas, lembrando as razões da degenerescência social e, algumas vezes, citando até os textos euclidianos. Estas personagens, provenientes da imprensa, têm a função de documentar a História da Guerra para suprir a necessidade de construção de uma memória. Todos os *homens-palavra* do romance de Vargas Llosa opõem a presença da palavra oral ou a escrita ao esquecimento dos fatos. São eles: Galileu Gall (estrangeiro revolucionário em busca da cidade que parecia realizar os ideais utópicos da revolução: Canudos) e o Jornalista Míope (representação de Euclides. Vai à guerra, sobrevive, muda seu ponto de vista sobre os vencidos e escreve um livro com o fim de conservar a lembrança do acontecimento e de denunciar as atrocidades por ele ali presenciadas).

Euclides da Cunha apresenta o Brasil como um país mal conhecido. O gaúcho, o sertanejo, o paulista, o jagunço e o vaqueiro se ignoravam, apesar de terem em comum um mesmo nível de fanatismo e sentimentalismo. Por este desconhecimento mútuo, a Campanha de Canudos

⁸ Metáfora de Gutierrez (1997, p. 16) para os homens "contadores de história" desses livros. Eram os homens a quem pertenciam os "dons da palavra".

foi aspirada, e a Rua do Ouvidor foi lançada contra as Caatingas, sendo formada uma opinião nacional contra a gravidade dos fatos, e desencadeada a “desordem”.

Acreditando na opinião pública como componente do processo de comunicação, entendida como um efeito decorrente de um estímulo, mensagem ou conteúdo de significados, produzida por um emissor e captada por parte ou por toda a sociedade (receptor), ela desenvolve manifestações sociais que, por sua vez, têm origens nas opiniões individuais. Baseados nesta análise da opinião pública e nos demais estudo a respeito da influência de *Os Sertões* nas obras contemporâneas e na sua existência enquanto fundação, bem como no esquema “Sistema da Opinião Pública” de Vitalino Rovicatti (Côrrea, 1988, p. 37), propomos um novo esquema, abalizado na obra euclidiana, sobre perspectiva nacional:



Os fatores políticos, psicológicos, sociais, culturais e biológicos⁹ influenciam diretamente o juízo de opinião, como também os meios de comunicação, na ação de desenvolver uma opinião pública matriz. Trazendo de volta a análise euclidiana, a partir da qual foi pensado o esquema acima sugerido, esta opinião pública matriz formada durante a guerra de Canudos, pelo jornal, e difundida oralmente, pode ser resumida no enunciado: “*A República estava em perigo: era preciso salvar a República*”. Os fatos da atualidade, que são também fatos extratextuais¹⁰, passam de vagos comentários populares, para *inabalável certeza*, intensificados por burburinhos na Rua do Ouvidor, que são ativados por uma forte carga

⁹ Esses fatores foram retirados da III parte de *Os Sertões*, especificamente da narração sobre a expedição Moreira César, quando Euclides denuncia a formação de uma opinião pública matriz sobre o heroísmo daquele coronel.

emotiva. A opinião pública enunciante (receptor), ou levanta a dúvida e cria o debate – relações de assimetria – ou aceita o enunciado, o que gera desordem e crise, por força da expropriação da opinião – relações de simetria. Encontramos sempre nos meios de comunicação: “a opinião pública deseja que se tome tal atitude”, “a opinião pública acordou estarecida”, “a opinião pública americana espera uma resposta”. Quanto à guerra de Canudos, após a derrota da III Expedição, a opinião pública, em simetria com o enunciado, exigiu um desenlace, como o disse Euclides, o que desencadeou uma posterior crise de opinião.

Uma vez que a opinião nacional tem origem primeira em opiniões individuais, Euclides apresenta o indivíduo inserido no contexto de um *nativismo extemporâneo*; isolado e neutral. Já a sociedade, em espaços temporários, como as caatingas, ou a Rua do Ouvidor – o espaço dimensional (geográfico; físico) transforma-se em não dimensional (histórico; cultural), refletindo relações que autorizam a formação de uma prática comunicativa nacional; bem como grupos distintos: “vencedores e vencidos”. A nação, contrária à *gravidade dos fatos*, está vinculada a uma comoção, uma paixão coletiva, acreditada como um tipo de “epidemia vesânica”. O resultado de todo este processo é a formação de um juízo de opinião pública, que implicará em uma atitude ou comportamento.

Esclarecendo melhor algumas partes do esquema, é válido ressaltar que os líderes e grupos de pressão são responsáveis por levar a simetria ou assimetria entre o enunciado e o enunciante. A crise só acontece quando há simetria, expropriação, ao passo que as relações de assimetria levantam a dúvida, o que gera o debate, e, por isso, a opinião fica latente. Enfim, quando há desordem, há simetria, e quando há ordem, assimetria.

O autor de *Os Sertões* revela relações de simetria na guerra de Canudos, que nós podemos analisar através dos fatores (políticos, sociais, biológicos...) determinantes para a formação da opinião pública matriz: a criação de revoltosos durante o governo de Floriano Peixoto, o fato de Prudente de Moraes não ter a base de uma opinião pública organizada, o clima de desordem que pairava nos fins do século XIX, e a própria “predisposição biológica para a desordem”, segundo Euclides, faziam com que a opinião pública oscilasse e ficasse vulnerável a qualquer tipo de manipulação.

A mistificação (cultural), expropriação (psicossocial) e exploração (social) da opinião, geradas em relações de simetria, são respectivamente ligadas à coerência, relevância e centramento, e onipresença. Para que se entenda melhor a simetria ou assimetria na relação

¹⁰ Os fatos extratextuais, como parte das condições de produção de um discurso, permitem inserir *Os Sertões* na história, como obra de fundação.

entre opinião pública matriz (enunciado) e opinião pública enunciante, podemos trabalhar com aqueles conceitos num tipo de **gramática de reconhecimento e adesão**, sugerida para que se entenda condições de produção:

1-Coesão: lógica narrativa; lógica das ações.

2-Coerência: lógica textual simbólica; literariedade. Verossimilhança

3-Onipresença: presença do acontecimento nos meios de comunicação;

4- Relevância: relevo; importância dada.

5-Centramento: acontecimentos reunidos em um “centro”; exemplo: Rua do Ouvidor/ Caatinga.

Para que haja simetria ou assimetria completas, é necessário o acionamento de todas as etapas da gramática de adesão. Mas pode haver a combinação de apenas algumas etapas (coesão e centramento/onipresença e relevância), o que serve para instaurar graus de diferenciamento no desenrolar do processo de formação da opinião, nos níveis de adesão dos enunciadores para com o enunciado matriz.

Examinando alguns fatos da atualidade, podemos analisar o processo de simetria que se instaurou entre a opinião enunciante nos Estados Unidos, pedindo uma revanche aos ataques terroristas que vitimaram milhares de pessoas, em 11 de setembro de 2001, e os enunciados-matrizes: “Justiça divina”, “o bem contra o mal”, “o mundo, o ocidente ou a democracia estão em perigo”. Como em Canudos, em que a opinião nacional pediu um desenlace, após a morte de Moreira César, os enunciadores estado-unidenses levaram os aliados ocidentais a apoiar os ataques ao Afeganistão, a despeito das opiniões contrárias que anunciavam que este último país ganharia de novo uma guerra contra uma potência.

Observamos, enfim, que a guerra de Canudos, nos últimos meses de 1897, foi coberta pela imprensa, que deu grande importância ao acontecimento, foi conhecida por todos os cidadãos que, isolados num país tão vasto, buscavam informações sobre “um canto” do sertão nordestino, e foi centralizada em duas regiões distintas: a Caatinga e a Rua do Ouvidor. De outra forma, Euclides da Cunha apresentou a coesão, a coerência, a onipresença, a relevância e o centramento com que foi tratada esta guerra, que juntamente com outros fatos extratextuais, permitiram que Canudos entrasse para a história, e tornasse *Os Sertões*, uma fundação.

Pensando em todos os aspectos estudados sobre a manipulação da opinião, a procura por uma unidade nacional, as questões sobre simetria e assimetria, e principalmente o Esquema de Opinião Pública apresentado, não é difícil entender os motivos que levaram

a nação a ensejar com tanto afinco o embate contra Canudos, o que acabou resultando numa guerra fratricida e numa posterior crise de opinião. Se a República, propagada como heroína da época, estava em perigo, era preciso, era necessário, era mister que a Rua do Ouvidor, representação euclidiana da nação e imprensa, atacasse com todas as armas o seu maior inimigo, que representava a diferença e o passado retrógrado e pobre: as Caatingas.

Vejamos como os fenômenos extratextuais merecem, de acordo com a concepção de *fundação* de Verón, o nome de condição de produção, quando deixam traços nos discursos e germinam relações de textualidade. A forma de um processo de fundação é a de um tecido textual sem a unidade de um acontecimento, pois os fenômenos extratextuais formam um processo histórico, sem a unidade de um lugar e de um tempo. Assim, uma *fundação* é um processo particular de transformação dos fatos. É igualmente um sistema de relações entre discursos diferenciados, que se desenrolam na História, e que podem engendrar um sistema de interpretação entre fatos semelhantes ou dessemelhantes em outros tempos e espaços.

As ações da comunicação foram demonstradas neste trabalho, e nas obras de Llosa e de Euclides, principalmente através dos *homens-palavra* que, nos dois livros evidenciam a passagem do jornalismo para a literatura, onde a escrita literária é a garantia de uma memória, não permitida pelo jornal que noticia acontecimentos, mas não dá a eles o poder e a marca histórica, como acontece por meio da literatura. Ainda comprovamos, através da análise das duas obras, as conjunções entre ponto de vista e formação da opinião, mostrando como esta é formada, a atuação dos media e dos escritores, com seus pontos de vista. Enfim, desse ciclo, que instala o paradigma discursivo como fonte de construção da visibilidade e da dizibilidade das contradições nacionais, bem como da determinação dos pilares identitários, depreendem-se verdadeiras teorias da comunicação e da opinião pública nacionais.

Algumas conclusões

A primeira conclusão destas páginas é a de que *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, pode ser considerado uma obra de fundação, uma vez que fenômenos extratextuais fazem parte das suas condições de produção, e por ser o texto de referência de um conjunto de obras posteriores que, num constante processo de intertextualidade, fazem diversas releituras do livro considerado “o maior fenômeno cultural da nossa história” (A Tarde, 27-07-2001). As obras do ciclo temático canudiano, com discursos sobre a nossa nacionalidade, nossas

identidades e origens, revisam e analisam reflexões sobre a constituição de um público nacional, sobre a formação de heróis e lideranças, e sobre a crise de opinião vinculada à ação dos meios de comunicação em época de crise política – temas presentes na obra fundadora deste ciclo, *Os Sertões* – comprovando a influência e a permanência euclidiana nelas.

Podemos, ainda, afirmar que o ciclo temático canadiano dá margem à construção de uma matriz teórica que, não apenas serve para a averiguação de práticas sócio-históricas brasileiras, em várias épocas, mas sobretudo para a análise do funcionamento da comunicação e da formação da opinião pública no Brasil Moderno. Assim, este estudo, que teve por base duas obras do ciclo canadiano, contribui para o avanço de pesquisas na área da comunicação, bem como para a elaboração de uma teoria da comunicação e da opinião pública, com bases nacionais.

Por tudo o que foi exposto sobre o ciclo literário que surgiu a partir da obra euclidiana, pelas relações enciclopédicas permitidas por ela, e pelas teorias de comunicação que dela podemos extrair, comprovamos a importância de *Os Sertões*, que praticamente guiou a cultura brasileira do século XX, e que ainda hoje, após cem anos, continua vivo na memória e na cultura do país. Assim, retomamos a afirmação de Carlos Heitor Cony, segundo o qual, *Os Sertões* é “o livro mais importante da cultura contemporânea” (*A Tarde*, 27-07-2001). O que seria apenas uma notícia sobre um acontecimento, transformou-se em uma interpretação do país, da sua gente e do próprio fenômeno. A descrição dos detalhes da região e de sua cultura, comparada com o fato histórico presenciado e analisado, tem dimensão de uma cena de perspectiva universal.

Finalizando, é válido trazer toda a teoria aqui estudada para o Brasil contemporâneo, para que se questione e se reflita quais foram as mudanças verdadeiramente alcançadas após um século de história. Em *Os Sertões*, quando Euclides denuncia a insciência da *Rua do Ouvidor*, alimentada pelos jornais, em desejar a derrota das *caatingas*, o autor alerta:

“Não vimos o traço superior do acontecimento. Aquele afluente originalíssimo do passado, patenteando todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmo-las, corrigimo-las ou anularmo-las. Não entendemos a lição eloqüente” (Cunha, 1968, p. 274).

Será que cem anos depois, o “povo heróico” cujo “brado é retumbante” já entendeu a lição eloqüente? A nação já se conhece suficientemente e as atuais *Ruas do ouvidor* estão integradas às *caatingas*, sem que uma seja jogada contra a outra? E os meios de comunicação? Estes, durante os últimos cem anos de progresso e desenvolvimento, com certeza obtiveram

transformações. Mas, e quanto ao mito da neutralidade e imparcialidade da imprensa? Estas são questões que podemos fazer a partir da leitura tanto de *Os Sertões* quanto de *A Guerra do Fim do Mundo* e que o brasileiro não deve deixar adormecer, e sim, possibilitar à verdadeira opinião pública fazer uso, através do levantamento da dúvida e do debate, do poder que todos dizem que ela possui.

Referências Bibliográficas

Informações adquiridas em meio eletrônico:

BARRETO, José Carlos. *Metáforas Geológicas*. Disponível em: www.portfolium.com.br

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta. *Nossa Vendéia I e II*. Disponível: www.portfolium.com.br

Artigos em revistas:

AVIGHI, Carlos Marcos. O sertão brasileiro e o cenário mundial no jornalismo de Euclides da Cunha. Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. XVI, n. 2, p. 144-153, jul-dez 1993.

CAMPBELL, Zélia Roelofse. Antonio Conselheiro reabilitado através da imaginação. Revista Canudos / UNEB – CEEC, Salvador, v.4, n.1/2, p. 30-46, dezembro 2000.

GUTIERREZ, Angela. Notícias sobre cem anos de ficção canadiana. Revista Canudos / UNEB – CEEC, Salvador, v.1, n.1, p. 09 - 21, julho 1997.

LIMA, Lidiane, SOARES, Heloiza, ALENCAR, Ive. Teorias da Comunicação e da opinião pública nacional nas obras literárias do ciclo canadiano. Revista Canudos / UNEB – CEEC, Salvador, v.5, n.1/1, p. 207-224, junho 2001.

SOUZA, Licia S. Canudos e o Rei do Gado: ecos da intertextualidade. Revista Canudos/ UNEB – CEEC, Salvador, v. 2, n. 2, p. 14-32, julho 1997.

Artigos em jornal:

CONY, Carlos H. Celso Furtado revisita Euclides da Cunha. A Tarde, Salvador, 27 julho. 2001. Caderno 1.

MARINHO, Josaphat. *O perene e o efêmero*. A Tarde, Salvador, 9 jan. 2001. Caderno 1, p. 8.

Obras críticas e teóricas:

ALBUQUERQUE JR., Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras Artes*. S. Paulo: Cortez, 1999.

BASTOS, José Augusto Cabral Barretto. *Incompreensível e bárbaro inimigo: a guerra simbólica contra Canudos*. Salvador: Ed. Ufba, 1995.

CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião: o novo jogo político*/ Patrick Champagne; tradução de Guilherma João de Freitas Teixeira. – Petrópolis. RJ: Vozes, 1996.

CÔRREA, Tupã Gomes. *Contato Imediato com a opinião pública: os bastidores da ação política*. São Paulo: Global, 1988.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da, *Canudos (Diário de uma expedição)* com introdução de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939.

CUNHA, Euclides da. 1902, *Os Sertões: Campanha de Canudos*, Rio de Janeiro: F. Alves, 1968 GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora. A guerra de Canudos nos jornais*. 4a. Expedição. São Paulo: Ática, 1977.

JOZEF, Bella. *Romance Hispano-Americano*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

LLOSA, Mario Vargas. 1981, *A Guerra do Fim do Mundo*. Rio de Janeiro: Lv. Francisco Alves Ed., 1987.

MATTELART, Armand. *Comunicação – mundo: história das idéias e das estratégias*: Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

PIRES, Orlando, 1922. *Manual de Teoria e Técnica literária*. Rio de Janeiro, 1981.

SOUZA, Licia S., *Memória e Identidade na Formação de uma Opinião Pública Nacional em Os Sertões*. In: *Identidade e representações na cultura brasileira*. João Pessoa: Idéia, 2001.

VERÓN, Eliseo, *Fundações*. In: *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São paulo, 1980, p. 97-172.

VIA, Sarah Chucidida. *Opinião Pública: Técnicas de formação e problemas de controle*. São Paulo: Ed. Loyola, 1983.